



A favor do entendimento. Contra o preconceito: Marcos Faerman, a revista *Shalom* e as encruzilhadas do judaísmo progressista no Brasil

For Understanding. Against Prejudice: Marcos Faerman, *Shalom* magazine, and the crossroads of progressive Judaism in Brazil.

Heloisa Pait*

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) | São Paulo, Brasil
heloisa.pait@fulbrightmail.org

Sergio Domingues, o Krahô, tomou a palavra e disse que ninguém mais lia nada. Era uma reunião de departamento, 2011 talvez. Não liam. Nenhum de nós, não líamos — ler de verdade — mais nada. E continuou discursando sobre a futilidade da vida acadêmica até que declarou que ler, mesmo, só se lia no Facebook, que era onde havia escrita e escuta, que ali havia vida, entendimento. Krahô não falava em produção de sentidos e interseccionalidade, se dizia indigenista e não antropólogo, não era dos logos, era das gentes, um moço do Paraná que foi escrever na *Shalom* e depois, nas palavras dele, virou índio e a mim me parecia gostar das gentes como elas se apresentam, se tornando um pouco cada uma delas.

Era 1986 e escrevi um conto para a revista *Shalom*, uma carta mesmo, talvez batida à máquina, o conto com certeza, e chegou uma resposta do editor pedindo que eu ligasse para ele e a USP ainda era seca e dura e toda nervosa coloquei uma ficha no orelhão na saída do campus e atendeu o Marcos Faerman e me convidou para vir ao Bom Retiro e eu disse sim mesmo sabendo que ele ia me cantar, pois a cadência da voz do Marcão tornava impossível dizer não.

O Bom Retiro não era meu território, era como se fosse uma Móoca, uma Vila Matilde, um lugar que por ser paulistana eu devia amar mesmo sem conhecer. Mas eu queria escrever e quando um editor diz “o endereço é esse, sobe as escadas e vem conhecer a redação”, você encontra o lugar, sobe as escadas e cumprimenta os jornalistas, atordoada pelos nomes todos, sorrisos, mãos estendidas, a diretora saindo de sua sala, loira e arrumada, para te conhecer. Minha respiração meio presa, tentando prestar atenção em tudo e se perguntando pra quem todo aquele ritual só pedi meu conto na revista.

Um professor ia se aposentar e resolveu convidar todos os colegas e funcionários para um jantar de despedida na churrascaria chique da cidade do interior. Krahô bebeu além da conta e tomou o microfone, já era 2012, e disse que entre os indígenas há um canto específico para quando um líder atinge uma certa idade, deixando de

* Professora da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita.



cumprir as funções de mando na aldeia para fazer parte do conselho de anciões. E entoou o canto e eu entendi afinal que gratidão tinha o professor pela faculdade que lhe deu um lugar depois de tantas atribulações, guerras e perseguições, era a sua aldeia aquela. Entendi também o Krahô, profeta sem Lattes.

O Marcão tinha séquito e quando ele morreu, em 1999, o Airton Gontow correu de redação em redação avisando da sua morte e vida, do seu papel na construção do *Jornal da Tarde*, dos novos gaúchos do Novo Jornalismo, como se o mundo fosse se espatifar caso não fosse informado devidamente daquela tragédia. E ia. A *Shalom* havia fechado há anos. Um maravilhoso encarte dentro da revista do clube, editado pelo Marcão, sobrevivia com o título de Magazine, mas sem o subtítulo de impacto: A favor do entendimento, contra o preconceito. O encarte era só cultura.

A *Shalom* havia feito em 1979 um especial sobre o Holocausto, grosso, com as páginas coladas na lombada e na capa a foto meio arroxeadada de óculos empilhados. Eu lia as matérias escondido, ainda que o volume ficasse à mostra na estante de meus pais, e nunca soube por quê. Aí crescida, formada, doutoranda, conheci o Paúl Warszawski e perguntei: “Por que eu lia escondido a edição especial sobre o Holocausto?” E ele sem pausa explicou, como se já esperasse a pergunta: “Porque a violência é obscena.” Então desde criança eu lia a *Shalom*, do jeito que o Krahô dizia que era pra ler as coisas, a revista tinha esse apelo, era um New Judaism e naquele telefonema a perspectiva de ser parte dela me apaixonava e não era só a voz do Marcos Faerman mas era, sim, a voz do Marcos Faerman.

Por pouco os óculos do professor do interior não foram parar naquela foto, mas seus pais saíram da Itália e por alguma dessas rotas mirabolantes de refugiados nos anos 1940 acabaram no Brasil, que era o País do Futuro nas linhas de um deles e havia gratidão por cada fruta e cada pedaço de chão e nas palavras toscas mas certas de outro deles num país onde se misturam brancos e negros francamente ninguém vai se importar com um judeu. Mas depois houve outras lutas — ditaduras, resistências — e aí cada qual luta com o que tem e o Marcão lutou com a caneta, jornais, revistas, e com sua voz melodiosa que um dia me ligou e disse:

Tuas cartas, guria, são a melhor coisa aqui na revista, tuas cartas têm esperança, tuas cartas me fazem esquecer todas as atribulações. Minhas cartas tinham sim um monte de perguntas, e talvez alguns sonhos, e principalmente uma fé no Marcão, no que ele significava naquele momento que era a literatura e tal. E o Marcão, reconstruo, tinha que fazer a revista fechar as contas, mas como é que uma revista cultural judaica fecha as contas, me diga você. Havia a Patrícia Finzi — lembram dos Finzi-Contini? —, sempre elegante, e havia o Paúl Warszawski que pagava umas contas lá de



Buenos Aires, mas tudo tem limite, como é que fecha a conta do judaísmo progressista?

É porque depois do primeiro conto continuei escrevendo cartas ao Marcão, e no fundo o que fiz na vida além de escrever cartas ao Marcão?

Mas não aceitei ir trabalhar na Shalom, pois queria estudar com afinco na faculdade, e o que fiz na vida além de estudar com afinco na faculdade?

Quando o Marcão saiu da Shalom o novo editor me convidou para enviar um conto mas já não era a mesma coisa e mesmo o conto não era bom. Era forçado, artificial. — Quando penso num homem judeu penso num sujeito que vive sonhando com utopias e tropeçando nas calçadas; que é roubado, às vezes por si mesmo, e depois recupera a própria firma; alguém que briga com seus fantasmas e daí esquece dos inimigos reais de quem deve se proteger. O novo editor era dessa outra categoria, dos homens finos, desses que saíram do Brasil antes do AI-5 só de imaginar onde as coisas dariam, de fala mansa e escuta amena, que não fumam nem bebem, não perdem a compostura nas filas nem no trânsito, homens calmos e ponderados que prestam grandes serviços à comunidade mas que literatura inspiram?

Um dia o Airton Gontow estava na casa do Marcão e entrou um sujeito, pegou um prato e se serviu das 4 panelas que estavam no fogão: arroz, feijão, carne e verdura. Sentou, comeu, e foi embora sem dizer uma palavra. Era comum as pessoas aparecerem sem avisar na casa do Marcão e almoçarem, mas sem falar nada? Quem era, Marcão? Ah, é o fulano, grande amigo meu. Mas ele não disse nada, nem te cumprimentou! Ah, isso é que estamos brigados! Assim era o Marcão, grandão, acolhendo tudo e todos. New Journalism.

O Marcão me deu uma lista onde tinha William Saroyan e Anton Tchecov e eu tinha 18 anos e eu tenho medo de dizer o que eu daria para ter um mentor novamente, alguém que me dissesse o que ler, que lesse meus contos, tenho medo de dizer publicamente e depois virar presa fácil de algum espertalhão, talvez até presa voluntária mas a verdade é que talvez nem existam mais homens como o Marcão que vão desbravando textos e formas pois hoje todo mundo teme o Chat Chop mas o problema mesmo é que as pessoas de verdade estão escrevendo como robôs.

O Júlio Nobre saiu da Shalom para a revista do clube e foi ficando depois do fim da Magazine e aí saiu e se perguntava como é que um menino gay fugido do Maranhão explica que fez toda a carreira na imprensa judaica, e na hora eu não tinha resposta mas a explicação é o Marcão, que era contra o preconceito e a favor do entendimento e se ele tropeçou na vida não o culpo, veio da mesma abertura e coragem diante de



tudo, os cautelosos estão por aí, beirando os 90, aplaudidos, dando depoimentos, enquanto lembramos macambúzios dos Marcões.

Aí descemos, até o Buraco da Sara, eu, o Marcão, dois jornalistas, e eu me descontraí e conversamos gostosamente, a comida judaica que pra mim era só lembrança pitoresca pois afeto mesmo eu tinha com a comida mineira da Terezinha e com os improvisos insossos da minha mãe mas era tudo bom e acolhedor e eu havia esquecido da cantada certa. Depois os jornalistas subiram e eu e o Marcão fomos tomar café no boteco da esquina e sentamos no balcão e ele “de rigueur” me abraçou grande e gordo e eu dura como uma estaca ali presa à banquetta e era claro que não ia rolar nada e ele desistiu e tirou o braço dos meus ombros e olhou para a frente. Aí eu perguntei se ele ia publicar meu conto, como se dançássemos — um passo atrás, um à frente — e ele respondeu, de volta olhando pra mim: “Claro, gurria!” E eu preciso mexer em alguma coisa? “O texto é teu!” E essa liberdade é que me cativava, você já notou, eu nem precisava explicar.

Então esse era o Marcão, comendo mais que devia, e dando, também, mais que podia. Quanto àquela revista, que era do Paúl e da Patrícia, era do Sergio Krahô e da Helô Pait, do Airton e do Júlio, filha do New Journalism e de um Old Judaism, que era a favor do entendimento e contra o preconceito, ela está em arquivos e memórias. Com ela aprendemos a ser judeus mesmo quem não éramos. A engolir o outro e nos tornar um terceiro ainda. A ver com os olhos de quem tinha deixado os óculos pra trás. A sonhar com uma paz que não tínhamos verba para alcançar.

Referência

SHALOM, revista mensal publicada em São Paulo entre 1965 e 1996. Diretora Patrícia Finzi.

Recebido em: 30/04/2023.

Aprovado em: 05/05/2023.